

Bid pode ser estratégia para a dívida

Rosental Calmon Alves
Correspondente

WASHINGTON — A recuperação do Banco Interamericano de Desenvolvimento (Bid) poderá vir a ser uma parte importante da estratégia do governo Bush para ajudar a América Latina a superar a crise da dívida externa. O secretário do Tesouro, Nicholas Brady, que recebeu do presidente o pedido expresso de oferecer opções criativas de solução para a crise, dará nos próximos dias a resposta final ao pedido de aumento de capital do Bid em, pelo menos, US\$ 20 bilhões, tirando a instituição do pior momento de sua história e dando-lhe a possibilidade de voltar a injetar capital nos combalidos países latino-americanos.

Por enquanto, o Bid está sendo forçado a fazer virtualmente o oposto do objetivo para o qual foi criado: em vez de contribuir para o desenvolvimento da América Latina, está retirando de lá mais recursos do que os que envia. O saldo negativo para a região foi de US\$ 600 milhões no ano passado. Somente o Brasil, colaborou com a metade desse saldo, pois enviou para o Bid US\$ 300 milhões a mais do que recebeu. Por isso mesmo, o Brasil está à frente do esforço para convencer os Estados Unidos, principal contribuinte do Bid, a aceitar o pedido do novo presidente da entidade, o ex-chanceler uruguai Enrique Iglesias, que deseja acabar com o impasse de dois anos sobre o aumento de capital de até US\$ 25 bilhões.

O assessor internacional do Ministério da Fazenda Sérgio Amaral, participou, há poucos dias, de uma rodada de negociações entre os principais

países membros do Bid e a diretoria da instituição, mas as restrições americanas não foram totalmente superadas. Há alguns anos que os Estados Unidos vinham fazendo jogo duro no Bid, por considerar que o banco estava sendo mal administrado, com excesso de pessoal e de gastos, além de usar de critérios duvidosos na concessão de financiamentos a países latino-americanos. No ano passado, os americanos queriam que um banqueiro colombiano fosse eleito presidente, mas o Brasil e outros países latino-americanos apoiaram a candidatura do ex-chanceler uruguai, hábil diplomata e prestigiado economista, que dirigiu por vários anos a Cepal (Comissão Económica da ONU para América Latina).

Desde que tomou posse, há 11 meses, Iglesias vem fazendo um cuidadoso trabalho no sentido de sanear o Bid e encontrar uma forma de fazer as pazes entre a instituição e os Estados Unidos, sem chegar a atender à exigência básica dos americanos: que lhes seja concedido o direito a veto, por ser o maior contribuinte — 34,5% do capital, frente a 10% do Brasil, 10% da Argentina, 7% do México e 7% da Venezuela. A estratégia de Iglesias começou com a nomeação de uma comissão de alto nível para repensar o papel do banco e o seu funcionamento. O ex-ministro Mário Henrique Simonsen participou dessa comissão, integrada por personalidades de vários países latino-americanos e presidida pelo banqueiro americano John Pettit, ex-chairman do Marine Midland Bank.

Ao encerrar seus trabalhos, a comissão concluiu que o Bid tem um trabalho muito importante a desempenhar no resgate da América Latina, mas

para isso precisa de maior capital e de uma profunda reestruturação interna. Esperam-se demissões de centenas de funcionários, como ocorreu na reestruturação do Banco Mundial, além de outras mudanças que atendam tanto as avaliações críticas da comissão, quanto algumas das queixas dos Estados Unidos.

Uma nova reunião para decidir o aumento de capital está marcada para o dia 20 de fevereiro. Até lá, o secretário do Tesouro, Nicholas Brady, já terá decidido o apoio americano, sem o qual será impossível resgatar o Bid. Se o ministro Maílson da Nóbrega não puder vir a Washington, seu assessor Sérgio Amaral regressará para participar das negociações finais para o aumento de mais de 50% no atual capital do Bid. Além dos tradicionais contribuintes, desta vez haverá uma participação maior de países de fora do hemisfério, principalmente o Japão e a Alemanha Federal.

Ao concordar com o aumento de capital do Bid, como se espera, o governo americano deverá estar incluindo essa iniciativa na estratégia que o presidente Bush está prometendo para ajudar os países latino-americanos a sair do atoleiro da dívida externa. Na próxima sexta-feira, aqui em Washington, Brady e os ministros de finanças dos outros seis países mais ricos do mundo estarão tratando de uma estratégia conjunta de apoio aos países endividados. Espera-se que nessa política esteja incluído também o aumento de capital do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, tornando essas organizações mais ativas no sentido de ajudar o Terceiro Mundo a superar a crise da dívida.